

Terça-feira, 31 de Março de 2015

Ter, 31 de Março de 2015.
08:32:00.

CORREIO BRAZILIENSE ONLINE | NOTÍCIAS

ANCINE | AGÊNCIA NACIONAL DE CINEMA

Cinema latino investe em novas linguagens para competir com Hollywood

O potencial do mercado latino é vasto: são 5,5 mil salas de cinema e 350 produções

Autor: Ricardo Daehn

Alvaro Brechner, diretor uruguaio: Parcerias devem considerar os custos e os conteúdos

Em números absolutos, o cinema, em seis dos maiores parques exibidores da América Latina, poderia ser representado por um conglomerado de 5,5 mil salas em que circulariam quase 350 filmes de produção autêntica, extra-Hollywood, pronta para o consumo de 370 milhões de espectadores.

O mundo das porcentagens, porém, trata de lançar água fria, ao trazer para a realidade um mercado em eterno desenvolvimento, mas que em seu bojo não mobiliza nem 9% do público interessado em privilegiar a produção legítima de cada país (a invasão americana persiste). Em média (grosseira), cada habitante iria uma vez ao ano para o cinema, e, sim, o Brasil até que não estaria mal: concentrando dois terços dos 30 milhões totais de público. O universo descrito reúne dados do Brasil, ao lado do bloco integrado por Colômbia, Chile, Peru, Venezuela e Argentina.

Contudo, a conjuntura tem se mostrado favorável para a revolução dos latinos. “Penso que o cinema latino-americano passa por um dos seus melhores momentos históricos. A cada festival, podemos ver que nas seleções, ao menos um ou dois filmes representam o bloco, com grande variedade de estilo. Há várias gerações de jovens que vão assegurar o brilho da região por muitos anos”, acredita o diretor argentino Benjamín Naishtat que, aos 29 anos, tem credenciais de participação em Cannes e a disputa pelo Urso de Ouro, na Alemanha, com o longa Bem perto de Buenos Aires (prestes a estrear em Brasília).

A maciça premiação de filmes latino-americanos, no último Festival de Berlim (do chileno Pablo Larraín à brasileira Anna Muylaert, passando pelo chileno Patricio Guzmán e pelo guatemalteco Jayro Bustamante) confirma tese pessoal de Naishtat: “Reconhecidos no exterior, diretores como Carlos Reygadas (México), Karim Aïnouz (Brasil) e Lucrecia Martel (Argentina) mostraram o caminho para que outros, humildemente, tomem a coragem necessária para adentrar projetos que honrem compromissos individuais, em termos criativos.”

Revolução latina | Create infographics

Mesmo com a galopante inflação, desde 2007, o cinema argentino segue em desenvolvimento, com a produção anual de mais de 130 filmes. Com respaldo do circuito de arte, Bem perto de Buenos Aires exemplifica a comunicação alargada, na gramática do cinema, já que tem sido comparado ao brasileiro O som ao redor. “Há semelhanças nos filmes, que têm a ver com sintomas de um mal-estar social comum a toda América Latina. Daí, a esperança de que o público brasileiro se interesse”, diz Naishtat.

De olho no público do continente, a **Agência Nacional do Cinema (Ancine)** antecipa ao Correio,

uma chamada pública de coprodução latino-americana, no programa Brasil de Todas as Telas, a ser efetivada em maio — são R\$ 5 milhões em recursos do Fundo Setorial do **Audiovisual**.

“Vamos simplificar e tornar viável para um coprodutor daqui se envolver em projetos com outros países, mesmo naqueles com os quais o Brasil já tenha acordos. Será estímulo para as empresas se internacionalizarem”, pontua o assessor internacional Eduardo Valente. Numa parceria, há de se levar em conta valores e conteúdos, opina o cineasta uruguaio Alvaro Brechner.

“Cada projeto matura em condições particulares. No Uruguai, por ser um país de apenas 3,5 milhões de pessoas, se tem um mercado muito limitado. Assim sendo, há vocação e necessidade de tentar associações no exterior. Há uma importante limitação econômica”, observa Brechner

[Link](#)